



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS – UFT
CAMPOS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS

TAIZ MARIA BARBOSA

AS TOCANTINAS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO TOCANTINENSE NA
LITERATURA

ARAGUAÍNA – TO
2018

TAIZ MARIA BARBOSA

***AS TOCANTINAS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO TOCANTINENSE NA
LITERATURA***

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína, curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas para obtenção do título de Licenciada em Letras – Português, sob a orientação Prof. (a) Dra. Andrea Martins Lameirão Mateus.

Orientadora: Profa. Dra. Andrea Martins Lameirão Mateus

ARAGUAÍNA – TO

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- B238t Barbosa, Taiz Maria.
 As Tocantinas Na Construção da Identidade Do Tocantinense Na
 Literatura. / Taiz Maria Barbosa. – Araguaina, TO, 2018.
 35 f.
- Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
 Universitário de Araguaina - Curso de Letras - Português, 2018.
 Orientadora : Andrea Martins Lameirão Mateus
1. A Forma Poética e Seus Usos e Porques. 2. As Tocantinas Proposta de
 Leitura. 3. Características do Regionalismo Tocantinense Por Meio da
 Identidade do Povo. 4. Memórias Familiar e A Leitura de As Tocantinas. I.
 Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

TAIZ MARIA BARBOSA

AS TOCANTINAS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO TOCANTINENSE NA
LITERATURA

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína, Curso de Letras – Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas – Licenciatura foi avaliada para obtenção do título de Licenciada em Letras – Português e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação _____/_____/_____

Banca examinadora:

Profa. Dra. Andrea Martins Lameirão Mateus, Orientadora, UFT – Universidade Federal do
Tocantins

Profa. Dra. Maria Eleuda de Carvalho, Examinadora, UFT – Universidade Federal do
Tocantins

Profa. Dra. Kênia Gonçalves Costa, Examinadora, UFT – Universidade Federal do Tocantins

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia, (In memoriam) à minha avó Josefa Benedita que me ensinou que a vida não é fácil e que devíamos trabalhar como quem nunca irá morrer e rezar como quem vai morrer hoje. A todos os professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento desta monografia.

AGRADECIMENTOS

À Prof^a. Dr^a. Andrea Martins Lameirão Mateus, pela orientação. À Universidade Federal do Tocantins (UFT), que me proporcionou um convívio acadêmico proveitoso, agradeço a todas as pessoas que aqui conhece e tive o prazer de formar amizades com os funcionários da limpeza, da secretaria acadêmica que sempre me acolherão bem sempre sanarão minhas dúvidas, do protocolo que sempre foram de grande ajuda, da Xerox, os funcionários administrativos, a equipe de segurança, funcionários da Central de estágios que foram muito acolhedores durante o tempo que fui bolsista.

Ao Prof. Dr. Célio Pedreira, que prestou valiosas informações para a realização deste trabalho. A todas as pessoas que participaram direta e indiretamente na elaboração deste trabalho, Prof. Wallace Rodrigues por ter me entregado uma cópia do livro *As Tocantinas*.

À minha mãe dona Maria Francisca, pois sem ela eu nada seria não teria chegado tão longe se não fosse por seus esforços, sua dedicação orações e noites sem dormi, ao meu pai José Roberto por todas suas broncas rígidas que me fizeram crescer como pessoa, à minha tia Maria por sua grande memória do tempo em que trabalhou na roça, suas histórias de vida, seu amor em cuidar de meus irmãos e eu enquanto minha mãe trabalhava à minha tia Nena por também contribuir com meu trabalho de conclusão de curso e seu cuidado conosco enquanto éramos crianças, à minha madrinha Luiza e Quintina por sempre me mostrar o caminho que deveria seguir, por incentivar a buscar o crescimento como pessoa e aluna.

Ao meu irmão Renato por seu tempo e disposição em me ajudar no meu trabalho, pôr as caronas de carro que muitas vezes deixou seu próprio TCC para nós buscar na universidade, à minha irmã Elenilsona por sempre me aconselhar sobre a minha forma de agir, de falar e de pensar pelas caronas que sempre me dar para vir à universidade, por seu amor em cuidado de mim e de minha irmã Priscila quando adoecemos por nunca deixar faltar seu carinho de irmã protetora e aquelas conhecidas brincadeiras engraçadas sobre nós.

À minha irmã Ivone que apesar de eu ser essa chata que sempre irrita te faz gritar de raiva, mas te amo, assim como amo toda minha família, obrigada por sempre me aturar mesmo com suas reclamações me sinto bem ao seu lado, ao Saulo meu irmão caçula por sempre ser essa pessoa querida por todos, à minha irmã caçula Priscila por todas as broncas que foram necessárias, por toda sua colaboração na minha monografia pois sem ela não conseguiria, à minha prima Emília, à minha prima Janete, Luiz e a Vera por sua ajuda que tanto contribuiu nessa última etapa do meu trabalho, ao casal por me acolherem tão bem em sua casa.

Sempre haverá relação entre qualquer profissão e a poesia. A profissão é o labor de pessoas, a poesia é a cor e o sabor das pessoas.

Célio Pedreira

RESUMO

Esta monografia analisa a obra literária *As Tocantinas*, do poeta Célio Pedreira, publicada pela EDUFT em 2014, e que reúne parte de sua produção poética até então. A análise literária apresentada busca traçar, nesta obra, a construção da identidade literária tocantinense. Em *As Tocantinas* é possível perceber a forte presença e a persistência da cultura regional nos poemas. Como aporte teórico utilizamos a obra crítica de Alfredo Bosi, Antonio Candido e Décio Pignatari, focando em estudos de linguagem poética. O trabalho propõe uma discussão que une dois momentos de leitura: um memorialístico e outro, técnico e crítico. O primeiro destaca a importância da vivência tocantinense e do regionalismo, e o segundo destaca momentos de leitura atenta.

Palavras Chaves: Regionalismo, Literatura Tocantinense, Poesia

ABSTRACT

This monography presents a literary analysis of poet Célio Pedreira's book *As Tocantinas*, published by EDUFT in 2014, and that collects part of his poetic production up to that point. The presented analysis aims to trace, within this work, the construction of the literary identity of Tocantins. In *As Tocantinas* it is possible to perceive the strong presence and the persistence of the regional culture in the poems. We have used, as a theoretical and critical base the works of Alfredo Bosi, Antonio Candido and Décio Pignatari, focusing in the study of poetic language. This work proposes a debate that connects two reading moments: one is a memorialist account that exalts the importance of regionalism and the first-hand experience of living in Tocantins and the other one, critical and more technical reveals a close reading of the selected poems.

Key words: Regionalism, Literature from Tocantins, Poetry

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Sinos da igreja Nossa Senhora do Carmo, capa do livro As Tocantinas	20
Figura 2. Casa de Taipa no Bairro Novo Horizonte, Araguaína, TO.....	22
Figura 3. Casa de Taipa no Bairro Novo Horizonte, Araguaína, TO.....	22
Figura 4. Bananal nas proximidades da cidade de Aragominas, TO.	23
Figura 5. Canavial nas proximidades da cidade de Aragominas, TO..	24
Figura 6. Árvore Cega-Machado. Foto: Retirada do Blog Q' Planta é essa?.....	26
Figura 7. Malícia. Campus Cimba UFT, Araguaína, TO.....	30
Figura 8. Malícia. Campus Cimba UFT, Araguaína, TO.....	30
Figura 9. Parque Estadual do Lajeado, TO.	37
Figura 10. Lagoa do Parque Estadual do Lajeado, TO.....	37

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	A FORMA POÉTICA, SEUS USOS E PORQUÊS	13
2.1	Analisando poemas.....	16
3	AS TOCANTINAS: UMA PROPOSTA DE LEITURA	19
3.1	O autor.....	19
3.2	<i>As Tocantinas</i> em dez poemas comentados.....	22
3.2.1	“Cá”	23
3.2.2	“Calendário de luas”	24
3.2.3	“Desejares”	25
3.2.4	“Estado de estar”	27
3.2.5	“Fonte das lavadeiras”	28
3.2.6	“Malícias”	29
3.2.7	“Proa”	31
3.2.8	“Reza do tempo atrás”	32
3.2.9	“Receita de Mãe”	33
3.2.10	“Tapioca na gamela”	34
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS: CARACTERÍSTICAS DO REGIONALISMO TOCANTINENSE POR MEIO DA IDENTIDADE DO POVO	36
5	REFERÊNCIAS	39
6	ANEXO	40
6.1	Entrevista concedida por Célio Pedreira, autor de <i>As Tocantinas</i>	40

1 INTRODUÇÃO

Esta monografia trata de uma leitura do livro de poemas *As Tocantinas*¹ direcionada à compreensão de seu papel na construção da identidade do tocaninense na literatura. Ao se estudar a obra literária do tocaninense Célio Pedreira, é possível perceber a forte presença e a persistência da cultura regional tanto na sua ficção em prosa quanto nos poemas. Tomando como exemplo *As Tocantinas*, podemos afirmar que o livro se enquadra nessa descrição.

Meu interesse pelo tema surgiu a partir da leitura da obra do tocaninense Célio Pedreira, em especial seus poemas de *As Tocantinas* que, entre outros elementos, abordam, por meio de sua linguagem poética, a identidade e o regionalismo do tocaninense, objetivando entender de que forma essa literatura que conta a história de nossos antepassados contribui para a construção do lugar em que vivemos. Além disso, esta pesquisa se deu pelo meu interesse em investigar e estudar a presença do regionalismo dentro da obra literária *As Tocantinas* e, desta forma, construir um esboço do que seria o perfil da mesma, compreendendo esse perfil como uma possível face da literatura tocaninense.

Portanto, ao percebermos essa presença literária peculiar no Tocantins, decidimos examinar com dedicação esta manifestação repleta de traços regionalistas. Começaremos com uma breve apresentação da biografia do autor, e, em seguida, uma reflexão sobre o fazer poético a partir de uma pesquisa bibliográfica sobre crítica e análise de textos poéticos. Estas leituras nos auxiliaram na compreensão do fazer literário da poesia, que se relaciona com perspectivas sociais e identidade literária nacional. Assim, explanamos considerações acerca de *As Tocantinas* à luz dos estudos sobre linguagem poética, seus usos e porquês, abordados pelos autores Décio Pignatari (2005), Antonio Candido (2006) e Alfredo Bosi (1977). Quanto à abordagem regionalista na poesia, consideramos os estudos feitos por Leda M. C. Barone. Para compreendermos melhor o processo de criação da obra e as características, ou ainda, o perfil regionalista observado em *As Tocantinas*, formulamos um questionário que foi respondido pelo autor Célio Pedreira (através de e-mail), pelo qual conseguimos captar informações e detalhes que puderam nos ajudar a traçar um perfil do que podemos vir a considerar “tocantino” na literatura regional tocaninense.

¹ PEDREIRA, Célio. *As Tocantinas*. 2014.

2 A FORMA POÉTICA, SEUS USOS E PORQUÊS

Décio Pignatari descreve a Linguagem Poética como um conjunto artístico e musical mais do que algo voltado para literatura pensada como arte verbal. Descreve também como outros poetas definem a linguagem poética para si próprios. Ezra Pound “acha que ela não pertence à literatura”, e Paulo Prado que “vai mais longe: declara que a literatura e a filosofia são as duas maiores inimigas da poesia” (PIGNATARI, 2005, p. 09). Na afirmação do autor podemos pensar em vários poemas que são apreciados na forma de canções como, por exemplo, o poema “*A Banda*” do autor e cantor Chico Buarque de Holanda, “*Valsinha*” do autor Vinicius de Moraes, cantada também por Chico Buarque de Holanda, e que ainda hoje são muito ouvidas tanto nas escolas, como no rádio, tevês, aplicativos de músicas, entre outras mídias. O uso dessa forma poética ainda atrai os aspirantes a românticos e ainda os apaixonados incorrigíveis.

Pignatari afirma que, “De fato, a poesia é um corpo estranho nas artes da palavra. É a menos consumida de todas as artes, embora pareça ser a mais praticada (muitas vezes, às escondidas). Uma das maiores raridades do mundo é o poeta que consegue viver só de sua arte.” (PIGNATARI, 2005, p. 09).

A forma que ainda se utiliza na poesia quando o autor está “às escondidas”, nos remete às cartas anônimas com frases poéticas que ainda vemos muito em nosso cotidiano. Existem outras formas de uso em que a poesia (ou até mesmo a prosa) sempre tem hora, lugar ou ocasiões nas quais pode ser utilizada como, por exemplo, quando se parabeniza uma pessoa da família, amigos, também quando nos despedimos de um ente querido, amigos ou conhecidos.

Podemos perceber que uma porcentagem dos poetas não vive só de sua arte, também tem uma profissão paralela. Como veremos adiante, o poeta Célio Pedreira, médico, também não vive exclusivamente de sua arte. Como Pignatari afirma “uma das maiores raridades do mundo é o poeta que consegue viver só de sua arte”. Pode-se perceber que são poucos os autores que se encaixam nessa condição rara de sobreviver utilizando apenas a sua arte de escrever e encantar os apaixonados, os céticos e os idealistas. Não foi possível mensurar quantos poetas ao todo vivem só das suas obras.

Pignatari revela que,

Diz a tradição que todo japonês deve fazer pelo menos um poema em sua vida. A maioria faz (em geral, um poema bem curto) [...] e não mostra a ninguém. Nesse poema ele procura resumir a sua visão do mundo. Para ele, esse poema é a sua própria pessoa transformada em signos. (PIGNATARI, 2005, p. 18).

Na citação acima, nos mostra o tradicional poema chamado haikai, os japoneses fazem um poema curto para contar toda sua vida nesse pequeno poema, os signos representam para esse povo uma pessoa iluminada, de coragem e dotada de força, o sentido de que apenas naquele pequeno escrito represente toda a personalidade do japonês. Falaremos adiante da forma curta utilizada por Célio Pedreira em vários de seus poemas, e nos reportaremos novamente ao haikai. A importância de criar e dar um sentido, um significado para a experiência é também presente em sua obra.

Alfredo Bosi afirma em “Poesia Resistência” do livro *O Ser e o Tempo da Poesia*:

O poeta é doador de sentido. [...]. No entanto, sabemos todos, a poesia já não coincide com o rito e as palavras sagradas que abriam o mundo ao homem e o homem a si mesmo. A extrema divisão do trabalho manual e intelectual, a ciência e, mais do que esta, os discursos ideológicos e as faixas domesticadas do senso comum preencher hoje o imenso vazio deixado pelas mitologias. É a ideologia dominante que dá, hoje, nome e sentido às coisas.” (BOSI, 1977, p. 132 e 133).

O crítico afirma que em Gênesis, capítulo 2, versículos 19-20, Deus deixou para o homem (Adão) nomear todas as criaturas e assim as árvores e outros. Utilizando essa imagética, o crítico defende que o poeta dá sentido às suas obras poéticas, nos transmitindo as formas do sentido de dar nome aos animais existentes em nós, ocupando o vazio dos sentimentos que antes não eram perceptivos, fazendo com que nosso cérebro trabalhe o intelecto mental, estruturando o poema em nós mesmos, nos levando, através da leitura, a nominar subjetivamente uma profusão de sentimentos, como o amor, a felicidade, a tristeza, e assim por diante.

[...] Os tempos foram ficando – como já deplorava Leopardi – egoístas e abstratos. “Sociedade de consumo” é apenas um aspecto (o mais vistoso, talvez) dessa teia de domínio e ilusão que os espertos chamam “desenvolvimento” (ah! Poder de nomear as coisas!) e os tolos aceitam como “preço do progresso”. (BOSI, 1977, p. 133).

O crítico afirma ao citar Leopardi que a sociedade foi ficando “egoísta”, Alfredo Bosi nos revela que o ato de ler poemas está ficando esquecido e que o “desenvolvimento” estimula novas formas de nominar, que na verdade, sob a visão consumista, diminui a importância da abordagem poética dos sentimentos e experiências das pessoas.

Os leitores deixaram de lado a escrita no papel para se apegar a máquinas de escrever e computadores. E já não é mais só pelo poema que os leitores se interessam, as pessoas têm priorizado outros tipos e gêneros textuais, focando em histórias atuais que contenham drama, romance, comédia, ação, leituras que tragam novas formas de nomear as suas criaturas

internamente. Existe também a preferência por filmes, para não terem mais que ler e sim assimilar ao assistir; obras poéticas têm tido concorrência acirrada na atualidade. O “preço do progresso” tem tornado os poemas e poesias menos frequentados por leitores, mas continuam a existir em saraus de leitura, apresentações dos alunos nas escolas, comemorações do dia das Mães e dos Pais, cafés literários, rodas de leituras e caixas de poesias e poemas. Percebemos, assim, que as escolas têm tentado manter essa leitura viva em seus alunos, para que não deixe de existir a experiência com a linguagem poética.

Segundo Antonio Candido, no capítulo “Os Fundamentos do Poema” do livro *O Estudo Analítico do Poema*:

Todo o poema é basicamente uma estrutura sonora. Antes de qualquer aspecto significativo mais profundo, tem esta realidade liminar, que é um dos níveis ou camadas da sua realidade total. A sonoridade do poema, ou seu “substrato fônico” como diz Roman Ingarden, pode ser altamente regular, muito perceptível, determinando uma melodia própria na ordenação dos sons ou pode ser de tal maneira discreta que praticamente não se distingue da prosa. (CANDIDO, 2006, p. 37).

O crítico reitera que o poema pode determinar uma sonoridade ou melodia própria na ordem de sons, ou sendo de tal forma discreto “que não difere da prosa”. Antonio Candido faz menção ao filósofo e teórico literário Roman Ingarden revela, no trecho acima, que a sociedade dos poemas nos traz vários ritmos e sons que ao lermos podemos perceber algo melodioso, lindo de se ouvir. Quando um poema se aproxima da prosa, essa sonoridade poética se torna quase imperceptível de se diferenciar de um texto de prosa, ficando a cargo de outros mecanismos poéticos garantir a integridade do poema, que já não se distingue, de modo especial, pela sua musicalidade.

Já no capítulo “O Destino das Palavras no Poema”, Candido afirma que:

O povo, como é fácil verificar, sobretudo no campo, tem inclinação acentuada para a linguagem metafórica, principalmente sob a forma de comparação. Daí o famoso dito de Boileau, para quem o arsenal mais rico de imagens não era literatura, mas a fala da plebe de Paris no mercado central (“les Halles”). As pessoas cultas usam menos frequentemente a comparação intencional, mas falam, incessantemente por transferências de sentido, sem perceberem. (CANDIDO, 2006, p. 112).

O crítico nos revela que a forma da linguagem dos poemas, como as metáforas e outras estratégias que são utilizadas pelos cultos, falando em outros termos, os ricos e nobres, ainda que mais rebuscada, nem sempre se impõe de forma vantajosa à fala das ruas, do povo, que não pode ser considerada uma forma desprovida de interesse, pois Candido considera, junto com

Boileau, as qualidades da norma popularmente falada pela plebe, que encanta com sua criatividade imagética e uso de metáforas.

Nos poemas analisados a diante, veremos uma recolha culta de expressões populares feita por Célio Pedreira (2014) e utilizaremos nosso conhecimento da realidade regional para explicar e elucidar um conjunto de imagens ricas e que nos informam sobre a sensibilidade da percepção do poeta em seu meio, o Tocantins.

2.1 ANALISANDO POEMAS

Antonio Candido (1984) analisa poemas em sua obra *Na Sala de Aula* como, por exemplo, o poema de Manuel Bandeira (1966), “O Rondó do Jockey Club”. O crítico menciona, após apresentar uma paráfrase do poema de Bandeira que,

Dito assim, tudo fica meio pedestre, como são as paráfrases. Mas dito pelo poeta, é admirável, porque a poesia não depende do "tema", e sim da capacidade de construir estruturas significativas, que dão vida própria ao que de outro modo só se exprimiria de modo banal. Aqui, o essencial está no fato da mensagem ser organizada por meio de um determinado sistema de oposições, manifestado em ritmos, sonoridades, cortes, surpresas, fulgurações verbais, num dado contexto. (CANDIDO, 1984, p. 79).

Candido afirma que o poeta, ao escrever poemas, não parte necessariamente de um tema definido para fazê-lo. É sua aptidão para escrever poemas que contem estruturas relevantes que traz vida ao que o poeta escreve e nos dá sentido de vida ao lermos o poema. Sendo assim, é preciso, de forma primordial, buscar a mensagem dirigida ao seu leitor, buscar a ordem de seus pensamentos, estruturas, manifestações de padrões, “sonoridades, cortes, surpresas, fulgurações verbais, num dado contexto”, tudo isso traz mais valor ao que o poeta escreve, querendo passar ao seu leitor tudo aquilo que ele sentiu ao ter uma inspiração em qualquer lugar ou em qualquer matéria, imagem, paisagem, ou como no caso de Bandeira, da corrida que o ajudou a escrever um poema.

Candido entende que, em Manuel Bandeira (1966),

[...] há um cruzamento de ações e atributos, que no plano semântico suscita uma contradição, cuja existência já estava inscrita pelo ritmo no plano estrutural. Assim, a análise dos elementos "materiais", externos ao poeta e ao leitor, porque integram a estrutura do poema, permitiu estabelecer um fundamento objetivo para a análise semântica. Ou, generalizando em termos de método: o estudo do nível estrutural revela o significado, que é mais profundo em relação ao sentido ostensivo. (CANDIDO, 1984, p.73).

Antonio Candido mostra os cruzamentos de informações traçados dentro do significado concisos das palavras, contrapondo a existência que estava escrita, consistente de ritmos na ideia já estruturada do autor da poesia.

Analisando fundamentar a construção do poema, os métodos externos do poeta e do leitor ao escrever e ler poesia, há materiais que “integram a estrutura do poema”, fundamentando objetivamente uma análise semântica. Estudando os níveis de estrutura, revelam-se significados profundos do poema. Por outro lado, dados revelados em uma pesquisa bibliográfica, o conhecimento ou confirmação de uma referência específica dentro de um poema podem contribuir, em casos específicos, para a compreensão, e também para a degustação do poema. No caso das análises que veremos neste trabalho, optamos por utilizar o conhecimento de referências tipicamente tocantinenses, dados da vida do autor ou opiniões suas, retiradas de sua entrevista. Todos esses detalhes contribuem integralmente para o resultado de nossa proposta de leitura da obra do poeta. Dito isso, não nos escapa que devemos buscar no próprio texto, e com confirmação presente neste, nossas interpretações. O crítico destaca, ainda, que:

Fiquemos assim com uma noção que tem bastante valor prático no trabalho sobre os textos: na análise, que não pode se limitar às intuições, mas precisa suscitá-las ou confirmá-las, a estrutura tem precedência como elemento de compreensão objetiva. Pelo menos como etapa do método, o significado pode ser considerado como contido nela. (CANDIDO, 1984, p.77).

Candido nos mostra que o poeta é um doador de sentidos e que nós, ao analisar o poema, temos que buscar dar veracidade ao sentido, buscando não fugir dessa proximidade da escrita do autor. O leitor crítico, que analisa poemas, deve limitar-se nas intuições, ou seja, limitar seu “achismo” de que seja exatamente “aquilo” que o poeta quer revelar a nós, leitores. É preciso confirmar se a estruturação do poema procede, nos elementos de compreensão sem rodeios, que sejam diretas.

Deve-se analisar a poesia por etapas, cada fase e período, uma investigação do significado dos sentidos, expressa na poesia, levando em conta, como contido no poema, o que realmente está expresso na escrita do poema.

O autor Célio Pedreira, em entrevista por e-mail, nos deu sua opinião sobre o ato de escrever poesia. Ele afirma que seu interesse em escrever sobre o homem do cerrado partiu da sua própria identidade de ser “tocantino”. Que todo tocantino integra um estado chamado *cerrado*. Por conta disso *As Tocantinas* alcançam o tempo inteiro esse mesmo cerrado.

Confirma ainda que a poesia e o poema, ambas palavras necessitam acender o imaginário de quem aprecia ler. Concordamos que essa afirmação do autor, que é verídica para nós, pois sua obra reacende esse “imaginário” do leitor tocantino ao apreciar a leitura em que se conta também a nossa história e acende também no leitor de outras paragens e com outras histórias, a curiosidade sobre nosso estado.

Pedreira comenta que escolheu como forma o poema, porque *poema e poesia* são conduzidos pela linha de “dizer pouco e despertar muito”². Afirma que encontrou na forma poética algo que a diferencia da prosa, e ele nos diz que essa condição o agradou imensamente.

Passaremos agora a pensar sobre *As Tocantinas* em uma proposta de análise dos poemas. Em nossa leitura, Célio Pedreira estará presente como o autor *tocantino* que ele nos revela ser, assim como povo deste lugar em que vive, cresceu e retornou a morar depois de sua graduação como médico, voltando as suas raízes tocantinenses. Assim como Candido (1984) considera a informação que recebeu diretamente de Manuel Bandeira (1966) sobre os “cavalinhos” e sua ida ao Jockey Club, em uma leitura diferenciada do poema, também lançaremos mão ao nosso conhecimento prévio da vida tocantinense, das informações fornecidas pelo autor ou sobre ele, e mostraremos um percurso de leitura que inclui tanto a análise do poeta como tudo aquilo que ela desperta, e que suscita em minhas memórias e de minha família, da minha própria experiência pessoal como leitora.

² Ver ANEXO: Entrevista concedida por Célio Pedreira, autor de *As Tocantinas*, p.39.

3 AS TOCANTINAS: UMA PROPOSTA DE LEITURA

3.1 O AUTOR

Raimundo Célio Pedreira nasceu e foi criado em Porto Nacional-GO, em 1959. Em 1987 foi naturalizado tocaninense após a criação do Estado. Estudou em Alfenas-MG, graduando-se em Farmácia e Bioquímica, e depois Medicina. Ao retornar para sua cidade natal, criou, junto com amigos de infância, a Organização Não Governamental (ONG) *Pote de Barro*, com o objetivo de preservar a cultura e promover o reavivamento do homem do cerrado.

Escritor, poeta, músico e médico, é o que podemos chamar de um artista multifacetado. Célio passou sua infância nas margens do rio Tocantins, passou a observar a cidade desde o momento em que, durante sua época de menino, foi solicitado que escrevesse uma redação de férias cujo tema seria a descrição de uma viagem imaginária, algo comum nas escolas. Ainda na adolescência começou a escrever poemas tendo por inspiração os versos de Pedro Tierra³, que o fizera despertar para o universo literário.

Autor de vários livros de poesia e crônicas possui um acervo até a data de hoje cotado em mais de 400 poemas, e é compositor na Banda Mestre André. Autor do cotidiano que observava a vivência da cidade em que nasceu, atento às transformações, descreve o homem do cerrado.

Por meio desta breve biografia de Célio Pedreira, podemos notar que o autor baseia-se na sua percepção de mundo, de vivência e convívio, e nos mostra como caracterizou o regionalismo e a identidade tocaninense de seu povo, dos nossos antepassados, que viveram e que ainda vivem no Tocantins.

O autor nos revela que sua paixão por poemas do cotidiano já estava enraizada desde sua época de adolescente, e que ao buscar escrever sobre pessoas, paisagens, situações do convívio da sua vida. Também nos lembra de nossos próprios avós, nossos pais e nós mesmos. Frescas em nossas memórias estão as cenas de quando éramos crianças e brincávamos em rios e córregos; e nossas brincadeiras eram diferentes, não precisávamos de muita coisa para conviver com os vizinhos, pois todos se conheciam. As festas eram constituídas de muita comida e conversas, as crianças se divertiam de forma que gerasse aprendizado e amizades.

³ O poeta e escritor Hamilton Pereira da Silva nasceu em Porto Nacional – TO no ano de 1948. O pseudônimo “Pedro Tierra” foi criado por o escritor para que seus poemas não fossem proibidos por censura das prisões da ditadura militar e pudessem ser enviados a familiares e amigos.

As Tocantinas, segundo Carolina Pedreira “[...] compõe um inventário de imagens sobre a paciência. São poemas para ouvir o lamento das margens submersas do Rio Tocantins, por isso, também são poemas sobre onde as coisas dormem, talvez “para ver como acordam”. (PEDREIRA, 2014, p.18). Na apresentação do livro, ela nos indica que a obra foi talhada para escrever sobre o povo do cerrado, e que isso tinha suas dificuldades, o autor descrevia pessoas simples, humildes, mas que tinham um bom coração como tocantinos, as pessoas que permanecem no lugar de origem, ou seja, os que nasceram aqui no Tocantins.

A obra de Célio Pedreira é acrescida de 100 poemas selecionados pelo autor para demonstrar sua paixão por poemas e o tocantinense na literatura; o cotidiano do cerrado, do povo e a cultura, e imagens pensadas da natureza e locais do Tocantins, como vemos na **Figura 1**, a capa do livro, sinos da igreja de Nossa Senhora do Carmo em Porto Nacional, no Tocantins.

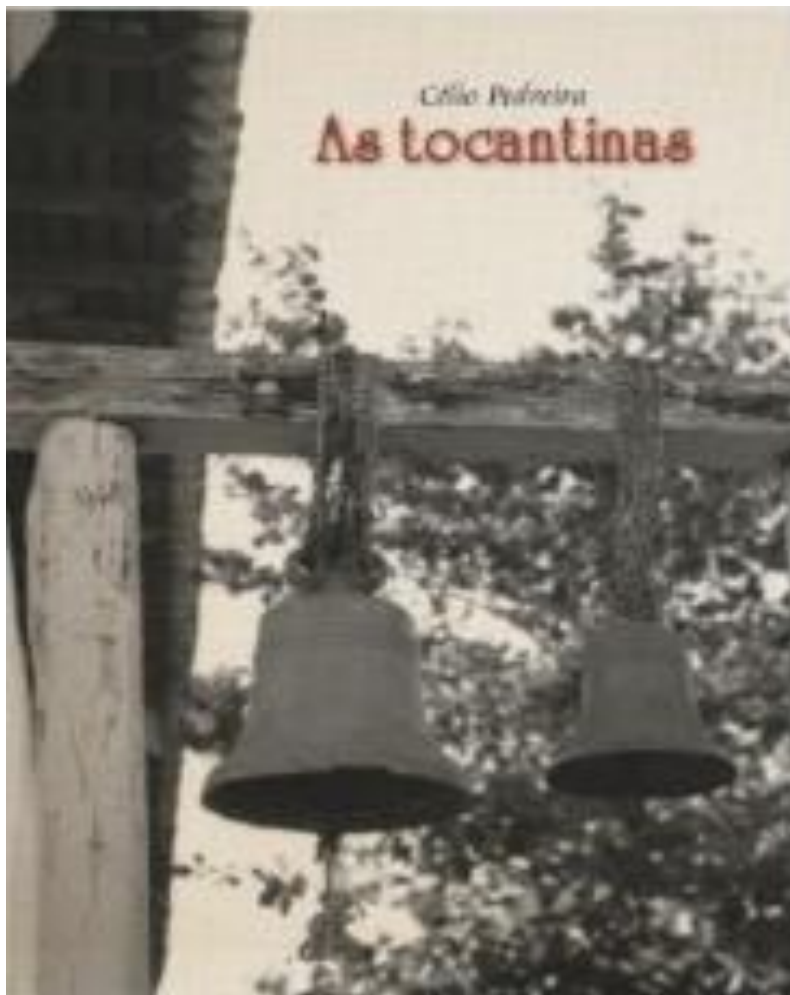


Figura 1. Sinos da igreja Nossa Senhora do Carmo, capa do livro *As Tocantinas*

Por uma questão de espaço e escopo deste trabalho monográfico, foram escolhidos dez poemas, que enfatizam o povo “tocantino” que Célio nos revelou, poemas que trazem uma identidade muito forte do regionalismo e cultura tocantinense. Revelam que o povo nascido

aqui traz consigo uma presença do que é regional e como podemos mostrar esse conhecimento a quem vem de fora e que pode não perceber os traços do tocantino, mas que queremos fazer esse povo conhecido por meio deste trabalho.

Elencamos os poemas com memórias da família, lembrando sempre um pouco dos nossos traços do cerrado. A vida, há um tempo, poderia se considerar difícil, mas para nós era algo gratificante, apesar de não ter água encanada e energia em casa, éramos mais simples, compartilhávamos de nossa lavoura com os vizinhos, não era muito visível os roubos e assassinatos, como o tempo de hoje, todos sabiam dividir e se divertirem sem precisar de muito, o pouco que tínhamos já era motivo suficientes de celebrações.

Os poemas aqui descritos carregam um pouco da história de mulheres guerreiras e memórias de um tempo que não era fácil, mas, no qual era gratificante acordar cedo com um sorriso no rosto em saber que estavam de pé e vivas em mais um dia de benção para toda a família e mais um dia de trabalho com saúde para executá-lo.

A psicanalista Leda Maria cita em seu artigo o autor Umberto Eco que aponta que qualquer história que lemos nos conta nossa própria história. Ao ler *As Tocantinas*, foi impossível não comparar a vida da minha família nesses poemas de Célio Pedreira.

(...) “A função dos contos ‘imodificáveis’ é precisamente esta: contra qualquer desejo de mudar o destino, eles nos fazem tocar com os dedos a impossibilidade de mudá-lo. E assim fazendo, qualquer que seja a história que estejam contando, contam também a nossa, e por isso nós os lemos e os amamos. (...) Creio que esta educação ao Fado e à morte é uma das funções principais da literatura” (Eco, 2003 apud BARONE, 2007).

Consideramos com esses poemas as lembranças de pessoas queridas, que tive oportunidade de conversar e saber como era a vida delas, como fora as nossas enquanto crescíamos, pois não sou tão nova que não tenha vivido nesse cerrado que era nosso Tocantins. Minhas tias me ajudaram bastante, a saber, que durante sua infância, o trabalho era árduo, acordar às quatro horas da madrugada para começar a fazer o café, buscar água no córrego, rio, ou poço, para fazer todo o serviço da manhã, que constituía em lavar louça, molhar as massas de mandioca, de milho e arroz, para fazer o cuscuz, ou beiju e fazer o almoço.

O trabalho na roça consistia em alimentar os animais, arar a terra para o plantio, colher arroz, feijão, milho, quiabo, inhame, abobora e banana. Faziam fornos de barro ou de casas de cupim abandonadas, a moradias eram casas feitas de taipa.

Recentemente descobrimos que ainda existem casas como essa aqui em Araguaína - TO, no bairro Novo Horizonte, tive oportunidade de tirar essas fotos na **Figura 2** e na **Figura 3** nas viagens que fazemos a cidade de Muricilândia – TO para visitar minhas tias e primas, onde



Figura 2. Casa de Taipa no Bairro Novo Horizonte, Araguaína, TO. Foto: Acervo Pessoal.

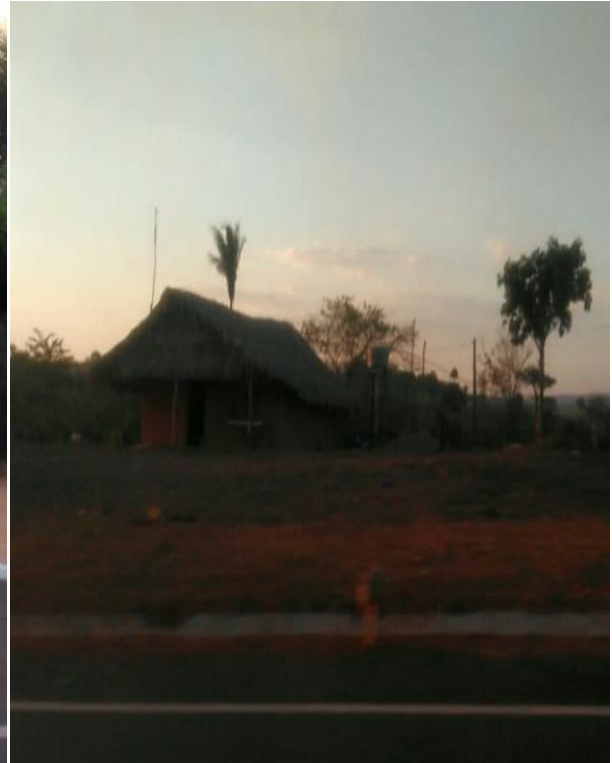


Figura 3. Casa de Taipa no Bairro Novo Horizonte, Araguaína, TO. Foto: Acervo Pessoal.

ainda posso relembrar histórias como essa em que minha família e parentes viveram, mas ainda é costume se ver não só casas de taipa, como também de palha e madeira, meu tio em Muricilândia – TO ainda mora em uma casa construída de madeira com o chão batido de barro.

3.2 AS TOCANTINAS EM DEZ POEMAS COMENTADOS

Constam de nossa seleção (na ordem em que aparecem na obra): “Tapioca na gamela” (p.20), “Desejares” (p.23), “Cá” (p.31), “Calendário de luas” (p.34), Fonte das Lavadeiras (p.35), “Malícias” (p.51), “Estado de estar” (p.55), “Reza do tempo atrás” (p.56), “Receita de mãe” (p.102) e “Proa” (p.118). A ordem apresentada por nós nesta monografia representa a construção enquanto leitora da obra *As Tocantinas*, idealização do ser poético em nós mesmo. Passamos, então, a esta pequena antologia de poemas, demonstrando temas característicos e correntes dentro da obra.

3.2.1 “Cá”

Em “Cá” lemos:

Enquanto houver silencio
 haverá poesia
 e gente
 cavoucando o dia (PEDREIRA, 2014, p. 31).

O poema “Cá” possui quatro versos: “Enquanto houver silêncio/ haverá poesia/ e gente/ cavoucando o dia.” Percebemos pelo título pequeno que este dá sentido ao “cavoucar”. Um pequeno poema que traz curtos fragmentos de ideias, nos quais o autor nos revela a necessidade de haver silencio para se criar uma poesia, e a conquista de se ter silêncio. O “cavoucando o dia”, revela que a poesia não deixará de existir enquanto existirem pessoas para cavoucar novas perspectivas de vida (fazendo poesia), para contemplar a existência do silêncio.



Passamos a analisar o sentido de CA-VOU-CAR, onde se nota que mesmo havendo silêncio as pessoas não param suas vidas, elas continuam vindo

Figura 4. Bananal nas proximidades da cidade de Aragominas, TO.
 Foto: Acervo Pessoal.

CA, VOU indo CAR (lá), não para de ir e vir. O silêncio é uma conquista para se ter uma poesia.

Isso nos traz à memória que plantávamos, arroz, feijão, milho, mandioca, batata doce, abóbora, inhame, fava, cana, quiabo, banana, cebola, alho e pimenta, assim também quando íamos pescar tínhamos que cavoucar o chão para encontrar as iscas da pesca. As **Figuras 4 e 5** nos traz a memória como era nossas plantações de cana e banana.

Célio revela memórias em seus poemas que há algum tempo só guardamos, em nossas lembranças, que recordamos quando queremos contar aos mais novos como era nossa vida antigamente e reviver essas memórias que tanto nos faz nostálgicos. Nos faz pensar também de que forma o Estado do Tocantins tem deixado de lado a nossa cultura e costumes, fazendo assim mais conhecida culturas e costumes que não nos definem em nosso Estado, mas que por meio dos nossos autores queremos mostrar aos nossos futuros filhos, sobrinhos, e netos, como é a cultura que fora trazida com eles de outros estados fazendo assim o Tocantins um estado de cultura diversificada.



Figura 5. Canavial nas proximidades da cidade de Aragominas, TO.
Foto: Acervo Pessoal.

3.2.2 “Calendário de luas”

Em “Calendário de luas” (p.34), o nome que o poeta escolheu dar ao poema, como nossa pretensão de querer voar até este corpo celeste e, querer descobri-lo por nós mesmos.

“Foi assim que surdiu/ a vocação do voar” emergiu do poeta o chamado para o ser poético, surge a vontade em ser um poeta das nossas paisagens, lugares e pessoas, revelar a nós sua história e do nosso povo “tocantino”. A vocação do ir além, seguir os caminhos propostos pelo destino, é ir sem chegar realmente onde se espera, mas também ouvir sua terra chamar de volta para suas raízes.

Celio Pedreira utiliza-se ainda a lua para espalhar no dia seus grãos plantar os próprios sentimentos nos dias que passam sem esperar por ninguém. A poesia ainda nos faz imaginar o voar, deixar-se voar ser levado por “as linhas de horizontes escasso”. O autor vai se deixando voar e nos convidando a voar com ele por entre os dias, então surge a finalização do poema “para estar parto” Célio vem mostra com esse verso que “Calendário de luas” também é a

construção do poeta em fazer poemas, revela que cada estrofe cada verso foi construído para que percebêssemos que assim nasceu o poema:

Espalhe o dia
na distância dos vazios
se um grão vingar
eis a profundez.

Foi assim que surdiu
a vocação do voar
e promover a reparação
nas linhas
de horizonte escasso.

Tanto tornou
que fez decotar
o que fosse longitude
para estar
parto. (PEDREIRA, 2014, p. 34).

Usava-se a lua para plantar. Seguíamos as fases lunares para saber como o plantio iria vingar, era na lua cheia e lua crescente que os frutos nasciam bem conservados e saudáveis. Quando descobrimos como funcionava o plantio, nas luas minguante e nova, não vingava nenhuma semente plantada, assim sabíamos em que luas poderíamos plantar. E ver que não nascia nada, era quando passávamos tempos de estiagem, racionava-se o máximo do plantio que sobrava, e complementado com pássaros pequenos, íamos passando até a nova fase da lua para começar a plantar e esperar vingar novamente. Os partos eram contados dessa forma, sabíamos assim o dia em que a criança nasceria, contando as luas.

3.2.3 “Desejares”

Em “Desejares” (p.23), Célio Pedreira nos revela que “Quando o sol visita, o silêncio do meio-dia, as redes gemem nos armadores, num quarto de penumbras e frestas agudas, o sertão embala seus filhos ausentes” é quando os filhos do cerrado se aquietam e só se ouve o gemer das redes em quartos quase escuros com aberturas finas por onde só podem ver uma pequena faixa de luz, o descanso do meio-dia.

O autor nos revela na 2º estrofe, que terrenos encharcados por lençóis freáticos mantêm farto árvores frutíferas, que guardam, nos “licores e aguardentes”, os filhos do cerrado. Já o pé de cega-machado, é uma árvore que todos por aqui conhecem. “Que prumo é invenção de torto” não só a árvore de cega-machado sabe que ela não é reta, mas nós também temos a consciência de que nossas atitudes são tortas, o pé de cega-machado não tem mais como desentortá-lo mas

talvez nós tenhamos jeito de aprumarmos, assim como podemos ver na **Figura 6** abaixo, a leve inclinação para o torto da árvore cega-machado. Por isso o pé de cega-machado era duradouro e, se pudesse contar história, haveria várias espalhadas por nosso cerrado.

“Áspero é ofício de resistência” a árvore de cega-machado já é casca grossa por natureza, assim também nós filhos do cerrado, “mas nascem e continuam cerrado nos filhos” nascemos com a resistência do pé de cega-machado, firmes e ásperos do trabalho calejado na roça.

No poema “Desejares” temos:

Quando o sol visita
o silêncio do meio-dia
as redes gemem nos armadores
num quarto de penumbras e frestas agudas
o sertão embala seus filhos ausentes.

Geografia de rios enterrados pulsa
sob os quintais baldios de esperança mesmo
que continuam saciando mangueiras
para manter acesa a sombra morna
dos filhos que conservam nos licores e
aguardentes.

O pé de cega-machado tudo sabe e vê
que prumo é invenção de torto
áspero é ofício de resistência
ninguém lança suas sementes
mas nascem e continuam cerrado nos filhos. (PEDREIRA, 2014, p. 23).

A lida começava cedo, antes de o sol raiar já estávamos de pé trabalhando na roça e em casa pilando arroz para fazer no almoço, quando chegava meio-dia almoçávamos, logo depois do almoço era quando atavam-se as redes, era quando o silêncio surgia, e só se escutava o gemer dos caibros da casa com o balançar das redes. Parecia-se que todo o sertão dormia naquele momento. Os assoreamentos que



Figura 6. Árvore Cega-Machado. Foto: Retirada do Blog Q' Planta é essa?

regavam mangueiras que nos davam frutos, que por meio deles produzisse os aguardentes e licores, que era utilizado para abrir o apetite ou para oferecer ao compadre ou visitas em uma conversa.

Todo morador do cerrado sabia que tentar cortar uma árvore de cega-machado era perda de tempo, pois quanto mais machadadas se dá nesta árvore, mais o machado ficará cego, fazendo assim com que o sertanejo tenha que o afiar novamente.

3.2.4 “Estado de estar”

Vigio a ocupação do longe
tangendo-me
como procurar encaço
para estar canoa e asas
gracejando um ir.

Mas essa margem resmunga
longe é lugar de não estar
e diz querer-me para raiz
pessoa de valimento fundo.

Segue assim cego
o longe cru do cerrado
e outras corredeiras irmãs
no rumo das serras de nuvens
levando remo e vento
mas deixa a mira. (PEDREIRA, 2014, p. 55).

Pedreira nos revela com o verso “Vigio a ocupação do longe”, que observa possibilidades de ir para longe, sair do cerrado para descobrir novos caminhos, estados e cidades. Aquele que faz que vai a algum lugar, pensa em ir seguindo novos rumos do seu caminho mas não vai.

“Mas essa margem resmunga, longe é lugar de não está”, o autor estar as margens, do novo e desconhecido caminho, mas como o mesmo descreve em seu poema que ir adiante não é o que ele realmente quer deixar sua cidade e seu estado. “E diz querer-me para raiz”, pois seu coração não sente que seu caminho é sair e deixar suas raízes para trás. Ele já foi e se aventurou, mas voltou, “pessoa de valimento fundo”, uma vez que seu lugar é onde está suas raízes o faz ficar.

“Segue assim cego, o longe cru do cerrado, e outras corredeiras irmãs, no rumo das serras de nuvens, levando remo e vento, mas deixa a mira” Pedreira sabe que o novo existe ao “longe cru do cerrado”, mas seu lugar não está lá, sabe que sempre existe o tempo de ir visitar novos estados e cidades, mas suas raízes o fazem voltar.

De forma semelhante, sentados no jacumã da canoa avistávamos o caminho que seguíamos pelo rio. Quem ia na proa sentia-se livre como se pudesse voar, avistava os pássaros batendo asas, e nos sentíamos como as aves e também queríamos bater asas e voar.

No anoitecer, tínhamos que seguir o caminho de volta, porque se escurecesse mais, teríamos que arrancar no local, então seguíamos a “pessoa de valimento fundo”, que quer dizer pessoa respeitada por todos e que não tinha nome sujo, que não roubavam ou faziam mal. Pois o breu da noite não nos permitia enxergar, mas outros arriscavam assim mesmo, por entre corredeiras, sendo levados pelos ventos, mas com um olhar certo nos caminhos do rio.

3.2.5 “Fonte das lavadeiras”

Em “Fonte das lavadeiras”, no poema Célio Pedreira mantém que “água nova passa, aliciando as pedras, no leito de clarear as almas”, que o rio já nos traz água limpa e nova que seduz as pedras de que lavam nossas almas. Lemos:

Água nova passa
aliciando as pedras
no leito de clarear as almas.

Acorremos em lavadeiras
investigando as máculas
com causticas
espiando alvura.

Memória morena
mulher serena
que quara nossos porões
e estende a vida ao vento
desaconselhando as sombras.

Tábua de bater
no lombo de nossas nódoas
em fonte lavar.

O que estanca incomoda. (PEDREIRA, 2014, p. 35).

Remediamo-nos em lavadeiras, procurando qualquer sinal de sujeira, e com “mãos causticas” limpando qualquer mancha, “espiando alvura” observando a brancura das nossas machas novamente. Célio Pedreira brinca com as palavras, na 3ª estrofe primeiro e segundo verso rima “morena” com “serena”, o poeta nos traz a memória a faxina de nossos “porões” escuros e cheios de sujeiras. Quando o Pedreira dá um conselho “desaconselhando as sombras”, abrir as portas para deixar a luz entrar e secar nossas almas estendidas ao vento.

Quando o autor Célio nos revela a 4^o estrofe “Tábua de bater, no lombo de nossas nódoas, em fonte lavar”, bater nossas raivas nas pedras deixando o rio levar nossas dores. “O que estanca incomoda” implica em esgotar nossas dores e o cansaço, interromper o processo de sangramento de nossas feridas internas e isso incomoda por um tempo, então deixamos nas águas do rio nossas frustrações, manchas, sombras e dores, para que o rio estanque todos os sentimentos de pesar.

Na beira dos rios lavávamos as roupas e nossas dores. Descontávamos tudo nas pedras, todas as nossas magoas, deixando correr livres pela correnteza do rio, não mais deixar as frustrações daquele dia impedir de viver novos dias, batendo os lençóis, redes e outras peças. Aplicávamos técnicas para tirar as manchas das roupas que funcionavam como água sanitária nas roupas. Após o processo de quilar, batíamos a roupas nas tábuas da beira dos rios, obtendo sucesso em tirar as manchas. Mulheres que trabalhavam de sol a sol, sempre tranquilas, trabalho de ensaboar as roupas e pôr ao sol para branquear, estendidas ao vento, evitando as sombras das árvores para ter melhor resultado ao clarear as roupas. Parando o processo de alvejar as roupas, por fim tendo sucesso de lençóis limpos e branquinhos. “Malícias”

O poema “Malícias” nos traz à lembrança a planta sensível ao toque que nasce em locais desabitados, espalhando-se em superfícies planas, em lugares considerados insignificantes, por não ser uma planta que muitos costumam apreciar. A planta tem como nome científico *Mimosa pudica* e o nome popular Malícia.

3.2.6 “Malícias”, nos traz:

Mimosa no artifício dos ermos
a semear planuras nos vãos
arregala-se suave e nascente.

Uma maciez de espinhos a lhe guardar
o que sejam ardis
astúcia de flor
e nem sangram.

No caminho das fontes
equilibrando os enleios
crescem-me em bandos belos
umas cantigas
outras segredos. (PEDREIRA, 2014, p. 51).

“Mimosa no artifício dos ermos” por ser uma planta que se fecha ao menor toque e por ser também astuta, a Mimosa pudica prefere lugares inóspitos, onde não passam muitas pessoas. “Uma maciez de espinhos a lhe guardar; o que seja



Figura 7. Malícia. Campus Cimba UFT, Araguaína, TO. Foto: Acervo Pessoal.

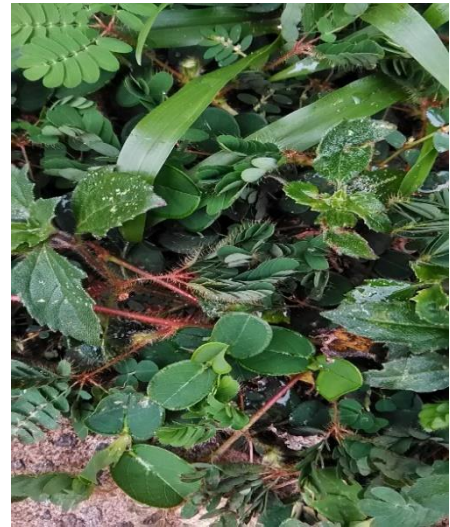


Figura 8. Malícia. Campus Cimba UFT, Araguaína, TO. Foto: Acervo Pessoal

ardis; astúcia de flor; e nem sangram”: espinhos que não machucam mas que se tocados causam uma ardência momentânea, para guardar as flores intactas e esses espinhos não furam e não fazem sangrar.

“No caminho das fostes” A caminho das nascentes, no hábito de buscar água para matar a sede, “equilibrando os enleios”, compensado a vergonha em fechar-se ao ser tocada, “crescem-me em bandos belos” cresce em agrupamentos de “Malícias”, “umas cantigas outras segredos”, pessoas que costumavam passar por essas plantas mimosas brincando entre elas, ensinavam aos filhos suas brincadeiras que constituía em contar segredos ou cantar para elas ‘**malícia tua mãe morreu**’ para as várias plantas encontradas no caminho do rio assim fazendo com que se fechassem pelo caminho das “fontes”. O artifício poético do Célio Pedreira em pôr o título do poema “Malícias” também revela-nos o brincar com as palavras que pode trazer o sentido de ser malicioso, maroto ou esperto, por mostrar logo no início do poema o nome científico dado a planta e trazer novos imaginários de leitura ao ler somente o nome do poema.

Recordamos que quando crianças brincávamos com essas plantas, que, ao serem tocadas, se fechavam. Nasciam sempre em brechas de terrenos encharcados ou áridos. Os espinhos não machucavam e não furavam, mas provocava irritação na pele. Quando tocávamos, a brincadeira era contar em forma de segredo ou cantar ‘**malícia tua mãe morreu**’ para as várias plantas encontradas no caminho do rio. Na **Figura 7 e 8** podemos perceber que essa planta não nasce só em locais longe da civilização, a foto da planta “Malícia” foi tirada na Universidade Federal do Tocantins Campus Cimba.

3.2.7 “Proa”

Na poesia “Proa” Célio nos revela “em cada remanso; outra cantiga; de lua prateando areia”, cada repouso do rio, a parada do canoeiro no leito do rio para cantar as margens observando a luz da lua iluminando as pequenas praias de areia entre a margem do rio. Célio se utiliza de artifício poético em “lua prateando areia”, brinca com a poética de areia prata ou prata é areia, à luz do luar.

Lemos em “Proa”

Em cada remanso
outra cantiga
de lua prateando areia
a noite flutua nas águas
é cheia ou meia minguante.

Saudade vai
e volta de esporão
dói.

A dor de quem deixa a beira do rio
é volta só. (PEDREIRA, 2014, p. 118).

“A noite flutua nas águas; é cheia ou meia minguante”, o céu a noite refletido no rio, que também reflete a lua que pode ser cheia ou minguante quando a lua inicia o seu último estágio. “Saudade vai; e volta de esporão; dói.” Quando o canoeiro lembra que tem de voltar para casa e essa saudade começa a doer feito esporão de arraia.

“A dor de quem deixa a beira do rio; é voltar só. ” Afirma que depois de ver tantas belezas na “Proa” de sua canoa, a noite enluarada, as areias prateadas o canoeiro volta só sem a companhia da lua.

Remando só não temos companhia, a ocupação é olhar as paisagens, as clareiras, as areias brancas se tornam prateadas à luz do luar, deixamos a correnteza nos levar. A lua pode ser cheia ou minguante, observamos o tempo passar olhando o luar. O canoeiro solitário sente-se como se levasse esporadas de arraia, dói lembrar de quem nos acompanhava e não está mais conosco. Quem rema só na proa se torna solitário, pois em alguns caminhos não temos companhia, lembra-se de quem sempre estava conosco traz saudade, mas ao sair do rio de lembranças, traz a dor de quem sempre estava lá por nós incentivando, apoiando e conversado sobre as amenidades do dia a dia, ou quando apenas contando suas histórias.

3.2.8 “Reza do tempo atrás”

Assim ajustando as portas do tempo
 minha avó a esculpir
 fortificando
 com um macio generoso nas mãos
 cada menino e menina nos olhos.

Quer dizer que todo dia
 é predisposto a trama dos caminhos
 de minha avó e dos nós.

Demora o tempo de aplainar a vida
 mas minha avó tem tempo de temperar
 com pitada de risco
 os limites impossíveis dos quintais. (PEDREIRA, 2014, p. 56).

Em “Reza do tempo atrás” Célio Pedreira revela que “ajustando as portas do tempo,” ao rezar, é como se pedisse para que seu tempo na terra, leve bons tesouros ao ir aos céus. “Fortificando, com um macio generoso nas mãos, cada menino e menina nos olhos” com o terço em mão rezando para que o futuro dos netos seja melhor. “Quer dizer que todo dia, é predisposto a trama dos caminhos, de minha avó e de nós.” Rezar para que nossos dias sejam a vontade divina e não a nossa, por ser algo que não controlamos, fazemos nosso plano, mas Deus tem outro.

“Demora o tempo de aplainar a vida”, o tempo parece não passar e assim esperamos nossas soluções para os problemas, mas o tempo plano divino demora a nos atender, “mas minha avó tem tempo de temperar/ com pitada de risco/ os limites impossíveis dos quintais”, o jeitinho da avó de passar o tempo a seu modo enquanto espera o tempo das respostas de suas rezas, os riscos que ela corre sem limitações os quintais, podendo encontrar animais selvagens e animais peçonhentos.

As rezas de minha avó eram sempre respeitadas, nenhuma criança falava nada e todos oravam como quem sabia, mas prestávamos bastante atenção nos contos do rosário. Tenho guardado na memória que em dia da Virgem Maria, 13 de maio, minha avó fazia com que de hora em hora fossemos na igreja deixar flores no altar aos pés da imagem da Virgem, lembro que alguns dos meus irmãos e primos iam com raiva, mas eu ia pulando de alegria por sair de casa toda hora para deixar flores para a Virgem, enquanto ela rezava o terço em casa.

Em minhas memórias, minha avó gostava de temperar a vida, com muito gosto fazia de sua vida uma montanha russa de aventuras, sem medo de animais perigosos ou peçonhentos, nos quintais de casa, saía apanhando pedras e paus sem motivos, simplesmente fazia isso por diversão.

O amor que minha avó tinha por nós seus netos, “fortificando/com um macio generoso nas mãos/ cada menino e menina nos olhos.” E dessa forma peculiar das avós, do efeito desse tempo vivido em sua fortitude que se traduz em carinho.

3.2.9 “Receita de Mãe”

Nos presenteia com os versos:

Pegue paciência
afeto e arco-íris
uma pitada de maria
misture vigília
porções de só
e miolo de alma a gosto.

Unte com luar
e leve ao nascente
em fogo brando
deixe amanhecer
todo dia. (PEDREIRA, 2014, p. 102).

Há, de certa forma, uma quebra de expectativa: a receita de mãe, seria uma receita de algum prato, talvez alguma coisa que comemos desde crianças, e que só a “nossa” mãe faz, e que nos ensina através de uma “receita de mãe”. No poema “Receita de Mãe”, Pedreira nos revela, passo a passo, a receita de como se é feita uma mãe, “Pegue paciência”, de serenidade é constituída as mães, que muitas vezes testamos seus limites ao extremo, mas ela permanece serena. “Afeto e arco-íris”: mães são dotadas de carinho e alegria, *melhores companheiras no mundo* para muitos de nós.

“Uma pitada de maria”, pensando nas mães, que a exemplo de Maria, são filhas, esposas e rainhas do lar, mulheres guerreiras, trabalhadoras, mas também assim como Maria, a mulher que cuida, que se doa, que zela, a que chora, sofre por seus filhos. Maria como a mãe de Deus (Nossa Senhora) e Maria como a mulher arquetípica, ou todas as mulheres

“Misture vigília” nos remete a mães que esperam a noite inteira acordadas, orando, rezando para que nada de mal aconteça aos seus filhos, aquela que só dorme quando o filho chega em casa bem e sem nenhum arranhão. “Porções de só e miolo de alma a gosto”, mulher ímpar, única em todo o mundo igual a ela não há, ser que Deus moldou com muito cuidado para que fosse acolhedora, um ser de alma nobre feita com muito gosto de se sensibilizar pelas dores dos filhos.

“Unte com luar; e leve ao nascente; em fogo brando; deixe amanhecer; todo dia.” Ungir a luz da lua e depois do sol nascente, não a deixar se exaltar para que não decline na hora do cozimento, deixar “amanhecer todo dia”, nasce um primor de mulher, de mãe, o encanto de todo filho.

Quando leio este poema lembro como foi feita minha mãe, de tudo que é melhor neste mundo, e não é por acaso que se ela se chama Maria, pois vigília é como se fosse parte do seu sobrenome. Ao término de sua construção, nasceu um primor de mãe com tudo de bom que Deus colocou no ventre de minha avó, uma guerreira, trabalhadora, leoa para seus filhos, coruja ao dar carinho, dona Maria Francisca é a mulher mais corajosa que tenho em minha vida, se não fosse por essa linda mulher não seria o que sou hoje. Agradeço a Deus por ter me dado esta oportunidade de nascer do ventre desta mulher, que nasceu e fora criada no cerrado, experiências que aqui descrevo também vem de parte da vivência dela e de minhas tias nesse Tocantins que eu fui criada.

3.2.10 “Tapioca na gamela”

No poema “Tapioca na gamela” Célio Pedreira nos traz “Eita que esse destino de furupa” que “esse destino” de tumulto de reunir pessoa em volta do preparo da tapioca, era considerado uma festa quando preparavam este alimento. Neste poema, escreve:

Eita que esse destino de furupa
 guarnece a brasa e o tição
 o forno de assar o bolo
 alvura que ama a tapioca na gamela
 amassando a vida com as mãos
 pois a festa é certa
 quando certo o pão. (PEDREIRA, 2014, p. 20).

“Guarnece a brasa e o tição” essa reunião de pessoas mantinham o fogo aceso, para “o forno de assar o bolo” matinha o forno sempre quente para fazer uma tapioca fresca até todos estarem saciados.

“Alvura que ama a tapioca na gamela” Pedreira utiliza de artifício poético para dizer que a cor branca ama a tapioca na gamela, a tapioca por ser alva contrasta com a cor da gamela que é uma tigela geralmente é feita de madeira ou barro. “Amassando a vida com as mãos; pois a festa é certa; quando certo é o pão.” O alimento que é a raiz de mandioca, passa por processo de ralar, para se obter a massa de mandioca preparada com água e sal obtém a massa da tapioca.

Festa certa quando se tem o pão para comer, ao final do preparo da tapioca está assada, festejasse o alimento do dia.

Recordamos os almoços e jantares, os festejos de Santos e Santas que chamávamos de benditos, os preparativos para os bolos começavam cedo para quando chegassem os convidados já estivesse tudo pronto, quando a lenha se consumia em brasa e tição tirava a brasa e assávamos os bolos de tapioca. Os vizinhos e parentes vinham de longe para comemoramos o santo do dia e começavam a chegar às seis horas da tarde, e as rezas duravam até 10:00 da noite, então a festa era certa, todos comiam e bebiam. Nossos sucos eram chamados de cembereba, pôr na época não se ter em mãos um liquidificador pilava-se as frutas retirando delas seu sumo, coávamos em um pano e servia as visitas.

“De furupa” uma bagunça, aquela reunião que ninguém se escuta mas acaba todos se entendendo, reunir pessoas é pedir para haver aquele “furupa” uma boa bagunça que alguns conhecidos chamavam de organizada, mas sabemos que onde se tem aglomeração de pessoas falando ao mesmo tempo nunca é organizada.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: CARACTERÍSTICAS DO REGIONALISMO TOCANTINENSE POR MEIO DA IDENTIDADE DO POVO.

A forma com que Célio Pedreira escreve os seus poemas na obra *As Tocantinas*, dos quais escolhemos dez poemas para análise, está caracterizada pelos regionalismos e pela identidade do povo tocantinense.

Quando pensamos em características do regionalismo tocantinense por meio da identidade do povo, nos leva às gerações futuras, nossas crianças e adolescentes. Esta monografia pode ajudar os professores a trabalharem poemas, poesias e outras literaturas com autores do Tocantins, algo que ainda é raro de se ver nas escolas tocantinenses, ainda professores que não conhecem os autores e outros que não sabiam da existência desses autores.

A psicanalista Leda Maria Codeço Barone coloca:

Assim, muito cedo compreendi que a leitura, sua aprendizagem e mesmo suas dificuldades, não poderiam ser dissociadas do sujeito, isto é: das experiências, da história de vida, do gosto e do desejo do leitor. Compreendi também que as histórias, as lendas, as fábulas, os contos, enfim, que a literatura tem efeitos importantes na construção e reconstrução da identidade e realidade do sujeito. (BARONE, 2007, p. 112).

Os nossos estudantes podem ter conhecimento da identidade tocantinense por meio de autores do Tocantins. Em uma apresentação de um trabalho da disciplina de Manifestações literárias no Tocantins, ministrada por nosso atual diretor e professor José Manoel, foram convidados alguns autores tocantinense entre eles o autor Orestes Branquinho, ele nos disse que no Centro de Ensino Médio (CEM) Paulo Freire, como educador ele leva aos alunos, vários livros com autores tocantinense e também os alunos tiveram ideia de fazer eventos literários do Tocantins para que outros estudantes tivessem conhecimento literário da nossa região.

Esses poemas caracterizam o povo tocantino, que, segundo o autor Célio Pedreira: “Tocantino seria a forma de dizer do mais puro e natural de nossa gente e de nosso lugar. Tocantinense é naturalmente uma diversa e boa mistura de nossa gente com toda gente que a ela se agrega⁴”.

Concluimos aqui a etapa de uma pesquisa que me trouxe novos conceitos do povo que mora no Tocantins, que vive nesta terra maravilhosa cheia de histórias de um povo chamado

⁴ Ver Anexo: Entrevista concedida por Célio Pedreira, autor de *As Tocantinas*, p.39.

por Célio Pedreira de “tocantino”, essa pureza de pessoas que pertencem a esse lugar que aqui estão e vivem para contribuir ainda mais com nosso estado cheio de culturas, paisagens, imagens, costumes, músicas e comidas. As **Figuras 9 e 10** representando essas paisagens e imagens que temos em nosso Tocantins.

A percepção da necessidade do tema deu-se a partir de uma instigação pessoal pelo contato com a obra *As Tocantinas*, entre outras obras, utilizadas para analisar os poemas e agregar a história do povo tocaninense que nasceu, vive e mora aqui.



Figura 9. Parque Estadual do Lajeado, TO. Foto: Acervo Pessoal.



Figura 10. Lagoa do Parque Estadual do Lajeado, TO. Foto: Acervo Pessoal.

A família representada nessa obra que tanto me encantou em uma segunda leitura do livro *As Tocantinas*, história essa que só contribuiu graças à disponibilidade do autor em sanar algumas das dúvidas que tinha sobre a obra e descrever o tocaninense na literatura.

Delimitamos nossa análise da obra do tocaninense Célio Pedreira, *As Tocantinas* (2014), acerca da qual explanamos considerações por meio de análises da linguagem poética, seus usos e porquês, com base nos autores Décio Pignatari (2005), Antonio Candido (2006) e Alfredo Bosi (1977).

Ao povo do estado que contribui com seus ensinamentos por intermédio dos nossos avós e antepassados a eles. O povo tocanino tão atuante nessa terra

passando suas descobertas aos jovens, não deixando morrer a nossa história. Aos jovens que estão nascendo nesta geração deixamos aqui nosso pedido, que perpetuem esse nosso cerrado

incrível, que não deixa de mostra nossa beleza, imagens, paisagens e memórias do tocantinense em nosso estado.

Além de inserir essa nossa característica de identidade do tocantinense em nossa literatura, queremos a inserção no ambiente escolar e acadêmico agregando a nós filhos do Tocantins e emigrantes o conhecimento prévio de que temos aqui uma literatura que conta nossa trajetória aqui no nosso estado.

Na perspectiva da característica de identidade do tocantinense na literatura, conseguimos expor nesse trabalho a representação do povo tocantino que Célio Pedreira consegue expressar dentro de sua poesia, elencando ainda mais nossas riquezas culturais e os traquejos do “tocantino”.

5 REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. Poesias reunidas. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1966.

BARONE, Leda Maria Codeço. **Literatura e construção da identidade**. Revista Psicopedagogia 2007, 24 (74): 110-6. Disponível em: <www.revistapsicopedagogia.com.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636410/4119>. Acesso em: 31 Out. 2018.

BOSI, Alfredo. **O Ser e o Tempo da Poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.

CANDIDO, Antonio. **Estudo analítico do poema**. 5 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Na sala de aula**. 8 ed. São Paulo: Ática, 1984.

LORENZI, Harri. **Q' planta é essa?**. Instituto Plantarum Estudos da Flora Ltda. Árvores Brasileiras Manual de Identificação e Cultivo de Plantas Arbóreas Nativas no Brasil. Quarta Edição. 2015. Disponível em: <http://qplantaeessa.blogspot.com/2015/10/cega-machado-no-de-porco-ou-pau-de-rosas.html#.W_130-hKhPY> Acesso em: 24 de Nov. 2018.

PEDREIRA, Raimundo Célio. **As Tocantinas**. Palmas: EDUFT, 2014.

PEDREIRA, Raimundo Célio. **Raimundo Célio Pedreira**. 2008. Disponível em: <<http://celiopedreira.blogspot.com/2008/05/raimundo-clio-pedreira.html>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

PIGNATARI, Décio. **O que é comunicação poética**. 8 ed. Cotia: Ateliê Editora, 2005.

TIERRA, Pedro. **Obra e Biografia**. 2012. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/pedro-tierra-1948>>. Acesso em: 03 dez. 2018.

VILLAÇA, Alcides; BOSI, Alfredo. **Leitura de poesia**. São Paulo: Ática, 1996.

6 ANEXO

6.1 ENTREVISTA CONCEDIDA POR CÉLIO PEDREIRA, AUTOR DE AS *TOCANTINAS*.

P: Como surgiu a ideia de reunir todos os poemas em *As Tocantinas*?

R: A reunião dos poemas aconteceu para dar lugar a uma lavra de forte relação com o lugar de onde sou, do povo de onde venho, das paisagens que habito, da dança, música e comida desse lugar que chamo “tocantino”. Por isso as poesias são “tocantinas”.

P: Todos os poemas da obra *As Tocantinas* falam de paisagens, lugares e pessoas?

R: Sim, uma tentativa explícita de alcançar através da poesia pessoas, lugares e costumes da gente “tocantina”.

P: Dentre os poemas do livro, selecionei: “Tapioca na gamela”, “Cá”, “Calendário de luas”, “Desejares”, “Estado de estar”, “Fonte das lavadeiras”, “Malícias”, “Proa”, “Reza do tempo atrás” e “Receita de Mãe”. O que esses poemas lhe tocaram ao escrevê-los?

R: Sempre o que toca minha poesia são as pessoas simples, as coisas mais simples, aquilo que for mais desprovido de importância tem voz maior nesse conjunto de escritos.

P: Como surgiu o nome do Livro?

R: “As Tocantinas” são “as poesias tocantinas” – é necessário esclarecer que tocantino e diferente de tocantinense. Tocantino seria a forma de dizer do mais puro e natural de nossa gente e de nosso lugar. Tocantinense é naturalmente uma diversa e boa mistura de nossa gente com toda gente que a ela se agrega.

P: Quais obras da literatura foram mais importantes para você?

R: Essencialmente toda a bibliografia brasileira clássica.

P: Que outros poetas você lê além de Pedro Terra?

R: Patativa do Assaré, Catulo da Paixão Cearense e Rodrigo Pascoal (novo poeta portuense).

P: Há alguma relação entre sua profissão de médico e poeta?

R: Sempre haverá relação entre qualquer profissão e a poesia. A profissão é labor de pessoas, a poesia é a cor e o sabor das pessoas.

P: Entre os dez poemas que elenquei acima, quais deles mais lhe trazem boas lembranças?

R: Todos os poemas são de lembranças e vivências, lutas e resistências.